



Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC
Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003
www.emtese.ufsc.br

Resenha

As ações coletivas na sociedade contemporânea

Alberto Melucci. *Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia*. México. El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, México, 1999. 260 p.

por Imar Domingos Queiroz (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC)

Nas últimas décadas vêm se observando o surgimento de um número significativo de estudos procurando explicar as transformações que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea. Através de diferentes recortes e perspectivas, tais estudos em geral partem do pressuposto de que os paradigmas que informaram a sociedade industrial clássica já não são suficientes para explicar a sociedade das últimas décadas, denominada genericamente como pós-industrial, pós-moderna, de capitalismo tardio, complexa ou da informação.

O livro de Melucci deve ser entendido nesta perspectiva, isto é, na percepção de que as teorias sociais clássicas não dão mais conta das formas sociais do presente. Nele o autor defende a tese de que ainda não dispomos de teorias capazes de explicar a sociedade contemporânea e os vários adjetivos empregados para denominá-la confirmam a inexistência de tais teorias. Neste sentido, afirma que "será necessário investir muito tempo e muito esforço antes que se possa elaborar um marco teórico satisfatório capaz de definir as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, e é possível que ele exija uma verdadeira mudança de paradigma" (p. 10).

Iniciando-se pela entrevista concedida a Leonardo Avritzer e Timo Lijyra (VII capítulo), Melucci fala do seu interesse "pela dimensão pessoal da vida social". Afirma estar convencido "de que as pessoas não são simplesmente moldadas por condições estruturais", que elas "sempre se adaptam, e dão um sentido próprio às condições que determinam suas vidas", e que "criam formas próprias de interação dentro das condições estruturais nas quais estão integradas" (p. 206). Assim, as idéias presentes neste livro são, de certa forma, a expressão desse seu interesse, na medida em que busca "estabelecer um vínculo entre as

mobilizações coletivas visíveis e as formas menos evidentes de ação que realizam os indivíduos em suas esferas mais íntimas de experiência" (p. 206).

A sociedade contemporânea, ou complexa, como prefere denominá-la, é o cenário a partir do qual o autor se propõe a refletir sobre as ações coletivas que vêm sendo desenvolvidas pelos diferentes atores e sujeitos sociais. Os movimentos de mulheres, jovens, direitos humanos, ecológicos e as mobilizações pacifistas são exemplos de ações coletivas, cujas formas de articulação, mobilização e luta expressam as características próprias dos movimentos e ações coletivas da contemporaneidade. Para o autor, estas ações alteram a lógica dominante no terreno simbólico, questionam a definição dos códigos, a leitura da realidade e anunciam à sociedade que algo mais é possível. Defende ainda que tais movimentos lutam não tanto pelo acesso a bens materiais ou por reformas políticas, mas pela criação de novos códigos e símbolos culturais.

No primeiro capítulo, Melucci afirma que ao contrário de suas obras anteriores marcadas pela adoção de um referencial claramente marxista, neste livro a análise sistêmica é o referencial a partir do qual analisa as ações coletivas. Nesta perspectiva, utiliza as noções de conflito e antagonismo, ao invés das categorias contradição e classe social, por entender que tais categorias, formuladas no contexto da sociedade industrial, já não são suficientes para compreender os fenômenos relacionados às ações coletivas que se manifestam nas sociedades complexas.

Assim, diferentemente das abordagens clássicas – do marxismo e da sociologia norte-americana de viés funcionalista, onde os movimentos sociais são concebidos ou como um efeito de crises estruturais, como contradições, ou como uma expressão de crenças e de orientações compartilhadas; o autor afirma que "os movimentos sociais são construções sociais (...) são sistemas de ação no sentido de que suas estruturas são construídas por objetivos, crenças, decisões e intercâmbios, todos eles operando em um campo sistêmico" (p. 38).

Para Melucci as abordagens funcionalistas e marxistas dos anos 70 deixaram dois problemas sem resolver, visto que as teorias estruturais explicam *por que* porém não *como* um movimento se estabelece e mantém sua estrutura; enquanto as teorias baseadas na mobilização de recursos explicam o *como* porém não o *por que* dos movimentos. Propõe então uma abordagem que possibilite a superação de tal dualismo, isto é, onde a ação seja considerada como uma "interação de objetivos, recursos e obstáculos; como uma orientação intencional que se estabelece dentro de um sistema de oportunidades e coerções" (p. 37). Apresenta em seguida uma definição analítica do movimento social como uma forma de ação coletiva que abraça as dimensões: da solidariedade, do conflito e de ruptura com os limites do sistema em que ocorre a ação. Para o autor é exatamente a presença destas três dimensões que permite que uma ação coletiva (definida como movimento social) seja separada de outros fenômenos coletivos. Se faltar uma dessas dimensões a ação coletiva não pode ser entendida como movimento social.

Além do interesse em compreender as novas formas de ação coletiva na sociedade contemporânea uma outra questão abordada pelo autor refere-se à constituição das identidades coletivas enquanto aspecto fundamental das ações coletivas. Por identidade coletiva denomina o "processo de construção de um sistema de ação onde um ator elabora expectativas e avalia as possibilidades e os limites de sua ação, exige capacidade de definir-se a si mesmo e ao seu ambiente" (p.66). Esta não se baseia exclusivamente no cálculo de custos e benefícios e nunca é inteiramente negociada.

Sociedades complexas

Para Melucci as sociedades complexas se caracterizam pela presença de três elementos fundamentais: *diferenciación, variabilidad de los sistemas e exceso cultural*. A diferenciação se expressa através dos múltiplos códigos e símbolos existentes nas diferentes esferas da vida cotidiana e pela necessidade de se dominar os diferentes códigos para circular entre as várias esferas. A variabilidade dos sistemas está relacionada à velocidade e a frequência das mudanças. "Um sistema é complexo porque muda frequentemente e se transforma velozmente" (p. 85). O excedente cultural refere-se ao conhecimento e às informações colocadas à disposição dos atores

. "Um sistema é complexo porque põe uma quantidade de possibilidades a disposição dos atores, um potencial de ações possíveis, que é sempre mais amplo que a capacidade efetiva de ação de tais sujeitos" (p. 86). Esses processos estabelecem uma permanente condição de incerteza, pois cada vez que passamos de um âmbito a outro, temos que assumir novas regras, novas linguagens e novos códigos. Requer atores autônomos com capacidade para produzir, decifrar e transmitir autonomamente os códigos e símbolos.

A informação é uma das condições fundamentais para a sobrevivência e o desenvolvimento das sociedades complexas. É vital para os atores que desejam interferir na lógica de funcionamento de tais sociedades e transformar suas relações de poder, o que exige dos sujeitos capacidade de processar, produzir e difundir informação.

Nas sociedades complexas a ação dos movimentos sociais se diferencia do modelo de organização política e assume uma independência crescente em relação ao sistema político, se entrelaça estreitamente com a vida cotidiana e com a experiência individual.

Redes de movimento

Contemporaneamente para se referir aos fenômenos coletivos Melucci prefere falar em redes de movimentos do que em movimentos sociais. No seu entender a idéia de rede reflete melhor a forma de ser e de se expressar dos movimentos "uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que exige que as pessoas se envolvam na experimentação e na prática da inovação cultural". Sua definição de rede inclui tanto "as organizações 'formais', como

também a rede de relações 'informais' que conectam indivíduos e grupos-chaves em uma área mais extensa de participantes e 'usuários' de serviços e bens culturais produzidos pelo movimento" (p. 73).

A rede é formada por um sistema de trocas, com as seguintes características: a) propicia a associação múltipla, b) a militância é somente parcial e de curta duração e c) o desenvolvimento pessoal e a solidariedade afetiva se colocam como uma condição para a participação em pequenos grupos. O autor faz questão de afirmar que este não é um fenômeno temporal, mas uma alteração morfológica na estrutura da ação coletiva.

Na análise de Melucci a ação coletiva contemporânea assume a forma de trama subjacente na vida cotidiana. Em tais tramas os indivíduos vão elaborando um novo discurso, novos códigos e experimentando novas formas de poder, através de práticas descentralizadas e democráticas, que, por sua vez expostas na cena pública mostram aos representantes institucionais que uma outra sociedade e forma de vida são possíveis.

Afirma também que os movimentos sociais contemporâneos não lutam meramente por bens materiais ou para aumentar sua participação no sistema. Lutam por projetos simbólicos e culturais, por um significado e uma orientação diferentes da ação social. Criam novas linguagens, novos códigos, novos símbolos e valores que aos poucos vão sendo incorporados nas práticas sociais dos atores situados nas diferentes esferas da vida social. Está convencido de que esta é a principal contribuição dos movimentos e ações coletivas, e que a simples presença dos movimentos por si só anunciam à sociedade que algo não vai bem. Ressalta, porém, que os movimentos sociais não são apenas portadores de uma nova mensagem cultural: também são organizações que se confrontam com os sistemas políticos ao eleger a mobilização popular como forma de expressão. São agentes da modernização, estimulam a inovação, e impulsionam medidas de reforma. Proporcionam novas elites, criam novas pautas de comportamento e novos modelos de organização.

Em meio à descrença generalizada quanto à "eficácia" e à própria continuidade das ações coletivas e movimentos sociais nas sociedades complexas, Melucci apresenta uma reflexão original, para não dizer otimista, sobre as mesmas. Ao contrário dos que preconizam o fim das ações coletivas ou dos que duvidam da sua "eficácia", o autor aponta tanto as contribuições imediatamente perceptíveis, como explicita os resultados nem sempre visíveis de suas práticas, isto é, que afetam no plano simbólico a vida dos indivíduos – tais como a linguagem, o discurso e os valores. Dentre as primeiras, apontam as mudanças nas instituições e na política, a formação de novas elites e as inovações culturais, de outro lado ressalta o fato de os movimentos reivindicarem, por exemplo, o espaço para a diferença e a alteridade, de questionarem as regras estabelecidas para a definição das normas e, sobretudo, de indagarem sobre quem define as normas e os critérios.

Olhando para o cenário latino-americano e para as condições de vida a que está submetida grande parcela de sua população, é difícil concordar com a tese de que os movimentos sociais não lutam tanto por cidadania. Aqui, inegavelmente, dadas as disparidades sociais que configuram as relações políticas e as condições socioeconômicas entre diferentes classes sociais, a luta pela cidadania ainda é a principal razão de ser de muitos movimentos. É a inexistência da cidadania e, sobretudo, a consciência da pobreza e da exclusão que explica a existência de grande parte das ações coletivas no continente, sejam elas relacionadas à luta pela terra, pelo emprego, contra o tráfico e a prostituição infantil, contra o trabalho escravo, pela demarcação das terras indígenas, e outras tantas que ocorrem pelo Brasil e demais países da região.

Evidentemente não se pode ignorar a presença de movimentos cujas ações não se caracterizam exclusivamente na luta pelo acesso a bens materiais e à garantia de condições de vida, como os movimentos ambientalista, feminista, pela paz e pela ética na política, etc. Também não se pode ignorar que simultaneamente à luta pelo acesso a bens e serviços, os movimentos e ações coletivas latino-americanos produzem inovações culturais, redefinem e ampliam os espaços da política, sinalizando em direção à construção de uma esfera pública democrática.